

Pais acorrentam o filho no Paranoá

JOÃO PAULO BARBOSA
Da Editoria de Cidade

Amarrado como um animal à soleira da porta do barraco por um fio de enceradeira. Mudo, coberto de cicatrizes, sem sentido de orientação nem controle das funções fisiológicas. Come e bebe na hora marcada pelos pais. Chorando e dando gritos sem que nada lhe aconteça. Tendo convulsões de riso quando se fere, ao atirar-se contra a cerca de arame farpado nas ocasiões em que está solto. Mastigando lixo. Assim é a vida de Rosinaldo, o **Rosinho**, de cinco anos, vítima de meningite aos dois meses de idade.

Seu pai, portador de distúrbio mental por acidente de trabalho faz isso "de consciência limpa, para que não se estrepe numa cerca". Protege o menino contra os 10 irmãos. Sonha com que alguém lhe dê uma tela bem forte. Uma jaula para o menino seria o ideal. Ali poderia brincar e morder plásticos de que tanto gosta. Nenhuma instituição aceita o menino. E preciso protegê-lo para que não fique debaixo de um carro. Aposentadoria de Cz\$ 3.500 e uns parcos alugueis para sustentar 14 bocas.

ACORRENTADO

Rosinho é filho de Pedro Monteiro dos Santos e Maria de Fátima Celestino, moradores na Vila do Paranoá. Aos dois meses sofreu lesão cerebral irreversível. A mãe atribui à desidratação seguida de anemia. Era forte, bonito, saudável. Os médicos acham ter sido meningite. Continua bonito, de feições delicadas, marcadas por cicatrizes. Limitado à extensão do fio de enceradeira que só lhe deixa ir a dois metros da porta do barraco para apanhar sol. Deitar-se no sofá de plástico que rasga com os pés ou morde na prática de sua melhor brincadeira.

Conhece os limites de seu mundo. Quando o fio se estica volta para a soleira. Por vezes se solta. Sai em disparada, sem orientar-se e vai de encontro à

cerca de arame farpado. Ultrapassa a cerca. Corre pelas ruas de terra batida. Tropeça, cai, se machuca mas se levanta. Vai em busca dos depósitos de lixo. Lá existe muito plástico para ser mordido. A mãe, em desespero. Alguém avisa que está na lixeira.

Outra vez o fio. Duas voltas no tornozelo e a laçada com nó cego. A mãe não sabe como consegue se soltar. Manso, tranqüilo, escavacando o chão. Barulho com os lábios soprados, caretas, movimento nervoso dos dedos. O sofá de plástico. O choro convulsivo. Sentado no braço do sofá. Cai no chão. Bate com o rosto. Levanta-se sorridente. Acena para o cão que passa correndo na rua sem coleira.

FAMÍLIA

Pedro Monteiro caiu de um poste há 12 anos. Trabalhava como eletricista. Foi na W-3. Era bombeiro hidráulico também. Nascera a primeira filha, Helenilza. Nove anos de luta para que o INPS reconhecesse seu direito à aposentadoria por acidente. Incapacitado definitivamente para o exercício de qualquer profissão. Casado com Minervina Ferreira da Costa que lhe deu ainda Eugenira, Simone, Solange, Evaldo, Edvaldo e Ana Lúcia.

Dividindo-se entre duas casas. Maria de Fátima a outra parceira. Além de **Rosinho** nasceram Ronaldo, Reginaldo, Rosângela e Lúcia de Fátima. Lúcia é a caçula de Maria de Fátima. Ana a de Minervina. Ambas com dois anos. Pedro toma "remédios fortíssimos". Só para "ajudar a cabeça".

Não encontra quem ajude **Rosinho**. Já correm todos os hospitais. Os outros filhos se impacientam com ele. Tinha de bater para que não incomodasse o irmão. Preferiu acorrentar **Rosinho**. Se debate na cama dando cabeçadas na parede. Por diversão. Rasga a roupa com os dentes. Seria bom que tivesse a jaula. Ficaria mais livre para brincar com as outras crianças.

F. GUALBERTO



Rosinho: vítima da violência e da ignorância